

# *Le Grande Armée*

## O Grande Exército de Napoleão

Carlos Roberto Carvalho Daróz<sup>a</sup>

**Resumo:** Nas duas primeiras décadas do século XIX, a Europa vivenciou o período da expansão do Império Francês, sob a liderança de Napoleão Bonaparte. Em 1803, com o objetivo de invadir a Inglaterra, sua principal antagonista, Napoleão organizou um poderoso exército que ficaria conhecido como o Grande Exército. A invasão das Ilhas Britânicas não se concretizou, mas o poderoso exército francês foi empregado em diversas campanhas, terminando por ser derrotado na Campanha de 1812, contra a Rússia. O artigo analisa a organização do Grande Exército napoleônico e destaca sua contribuição para a evolução da arte da guerra.

**Palavras-chave:** Guerras Napoleônicas, Grande Exército, Napoleão Bonaparte.

### INTRODUÇÃO

No final de junho de 1812, quando o Grande Exército de Napoleão cruzou o Rio Niemen para invadir a Rússia, era provavelmente o maior e mais poderoso exército já reunido para uma única campanha. Foram necessários quatro dias e três

pontes para que os 400 mil soldados cruzassem o rio por completo. Seis meses depois, apenas uma ponte foi suficiente para que os poucos remanescentes do derrotado Exército francês, em retirada, pudessem cruzar vagarosamente o mesmo Rio Niemen.<sup>1</sup>

---

<sup>a</sup> Tenente-coronel de Artilharia. Sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

Desde a Campanha da Áustria, em 1805, até a derrota na Rússia, sete anos depois, o Grande Exército organizado por Napoleão participou de dezenas de batalhas e incorporou grande número de soldados estrangeiros, oriundos de praticamente toda a Europa Ocidental. Como foi organizado este exército? Qual a real dimensão de seu poder de combate? Qual sua contribuição para a arte da guerra? O presente artigo tem por objetivo responder a estes questionamentos, destacando as principais ações e, principalmente, a eficiente organização do Grande Exército de Napoleão.

## FORMAÇÃO E TREINAMENTO

O Grande Exército francês (*Grande Armée*) foi formado por Napoleão Bonaparte em 1803, como *L'Armée des côtes de l'Océan* (Exército da Costa Oceânica), na cidade portuária de Boulogne, na costa francesa do Canal da Mancha, com o objetivo principal de invadir

a Inglaterra, principal antagonista da França.

Em 1798, durante o Diretório, foi instituído na França o serviço militar obrigatório<sup>2</sup>, no qual todo francês de idade compreendida entre 20 a 25 anos tinha o dever servir ao exército. Dois anos depois, Napoleão modificou a Lei da Conscrição, concedendo aos recrutas de famílias abastadas a possibilidade de apresentarem substitutos. Com o aumento da necessidade de efetivos, decorrente das campanhas militares contra as coligações das monarquias europeias, Napoleão estabeleceu a requisição permanente de todos os franceses válidos, e tomou outras medidas, conforme observa Nilson de Mello:

A partir de então, recrutados permaneciam sob a bandeira além do tempo de serviço prescrito, classes já liberadas eram chamadas aos quartéis, antecipava-se a chamada de classes ainda por convocar e até crianças eram alistadas para servir como *tambores*, *mensageiros* e até mesmo como combatentes. Como as necessidades em pessoal não paravam de crescer, a



Guarda Nacional, destinada a servir no interior do território, foi levada a operar em Teatros de Operações fora das fronteiras nacionais.<sup>3</sup>

Sendo ele próprio um estudioso da arte da guerra e das técnicas militares, Napoleão atribuía grande prioridade à formação e ao treinamento de suas tropas. O adiestramento do exército era realizado em campos de instrução, onde as unidades adquiriam e aperfeiçoavam a capacidade de realizar diversos tipos de manobra, o emprego do armamento, a coesão e a prática de trabalhar enquadradas em grandes unidades. Além disso, para a formação dos quadros Napoleão reformou as escolas militares francesas, dando-lhes uma estrutura mais adequada.

## **HIERARQUIA**

Diferentemente dos exércitos do Antigo Regime e de outras monarquias europeias, as promoções no Grande Exército eram baseadas

na competência profissional, ao invés da ascensão pela classe social ou pelo poder econômico. Napoleão desejava que seu exército fosse alicerçado na meritocracia, onde cada soldado, independentemente da origem, poderia galgar rapidamente os postos elevados da hierarquia, critério que o havia beneficiado anteriormente. Essa política de promoções foi adotada tanto para os oficiais franceses quanto para os aliados estrangeiros. Dessa forma, nada menos que 140 oficiais estrangeiros atingiram o generalato.

O sistema proporcionava a oportunidade para homens capazes chegarem ao topo da carreira em poucos anos, quando em outros exércitos esta ascensão demoraria décadas. Os coronéis e os generais do Grande Exército possuíam, em média, 37 anos de idade; muitos eram ainda mais novos. De acordo com Ruas Santos, “dos 162 oficiais-generais mortos em ação, 33 tinham entre 28 e 40 anos”<sup>4</sup>.

Em sentido crescente, a hierarquia do Grande Exército era estruturada nos seguintes postos e graduações: soldado, cabo, cabo-furriel,



sargento, sargento-major, ajudante, ajudante-chefe, subtenente, tenente, capitão, chefe de batalhão, segundo-coronel, coronel, general-de-brigada, general-de-divisão e marechal.

## TROPAS ESTRANGEIRAS

Esgotados os recursos humanos franceses, Napoleão recorreu a contingentes estrangeiros, a ponto de seu exército do Ocidente ser chamado de “Exército das vinte nações”. Tropas estrangeiras desempenharam importante papel e lutaram com distinção no durante as Guerras Napoleônicas. Quase todos os países da Europa continental foram, em diferentes estágios, parte do Grande Exército. No final do conflito, dezenas de milhares de soldados haviam servido sob as ordens de Napoleão.

Em 1805, 35.000 homens da Confederação do Reno foram empregados para proteger as linhas de comunicações e os flancos do *Grande Armée*. No ano seguinte,

mais de 27.000 tropas foram convocadas com propósito semelhante, além de 20.000 soldados saxônios, os quais foram mobilizados para operar contra os prussianos.

Durante a Campanha de Inverno de 1806-1807, alemães, poloneses, e espanhóis ajudaram no cerco aos portos bálticos de Stralsund e Dantzig, no flanco esquerdo do Grande Exército. Na Batalha de Friedland, em 1807, os Corpos do Marechal Lannes eram formados por consideráveis efetivos poloneses, saxões e holandeses. Durante a Campanha da Áustria, pelo menos um terço do Grande Exército procedia da Confederação do Reno, e um quarto do exército na Itália era composto por italianos. No auge do poderio do Grande Exército, em 1812, mais da metade das tropas que marcharam para a Rússia eram de não-franceses e representavam diferentes países, incluindo austríacas e prussianas, antigos adversários obrigados a fornecer soldados para lutarem ao lado dos franceses.



## COMANDO E ESTADO-MAIOR

Antes do fim do século XVIII, não havia na organização dos exércitos o estado-maior constituído com funções específicas de planejamento, inteligência, logística, operações e pessoal. Os comandantes das unidades se encarregavam dessas atividades, com o auxílio informal dos subordinados, os quais não possuíam treinamento específico para tal.

A primeira vez que um estado-maior constituído foi empregado na França foi durante as Guerras Revolucionárias, quando o General Louis Berthier<sup>5</sup> foi designado para a função de chefe do estado-maior do Exército francês na Itália, em 1795. Berthier foi capaz de estabelecer uma bem organizada equipe de assessoramento. Napoleão assumiu o comando do exército no ano seguinte e logo apreciou o sistema de trabalho de Berthier, adotando-o em seu próprio quartel-general.

O Estado-Maior do Grande Exército - também conhecido como

Quartel-General Imperial – era dividido em Casa Militar e Quartel-General do Exército. A Casa Militar incluía o Departamento de Ajudantes-de-campo; Gabinete do Imperador, com seu secretariado; Departamento de Inteligência, possuindo um quadro de espíões, e o Departamento Topográfico. Adido à Casa Militar encontrava-se, ainda, o Gabinete Civil do Imperador, enquadrando o escritório do palácio e o estábulo imperial.

O Quartel-General do Exército era constituído por um gabinete com quatro departamentos: Movimentação, Secretariado, Contabilidade e Inteligência (para levantamento da ordem de batalha inimiga). Berthier também possuía um estado-maior pessoal composto por ajudantes-de-campo. Finalmente, havia mais três oficiais gerais que assessoravam Berthier em questões diversas.

Embora tenha contribuído para diversas vitórias do Grande Exército, o Estado-Maior era limitado



pelo estilo de comando centralizador do próprio Napoleão, conforme observa Nilson de Mello:

O serviço de estado-maior era um dos pontos fracos do exército de Napoleão que, consciente da sua superioridade como chefe militar, desprezava a opinião de seus oficiais, os quais jamais conheciam sua ideia de manobra. Por isto, o seu estado-maior era mais um órgão de redação e arquivo de suas ordens e de expedição de mensagens do que de assessoramento e formulação de linhas-de-ação. Contudo, por vezes ele se queixava da ineficiência do seu estado-maior, esquecendo-se de que a culpa era de seu estilo de comando, excessivamente pessoal. Ressalte-se que o chefe de seu estado-maior durante quase todas as suas campanhas, o marechal Berthier, era um oficial meticoloso e de uma fidelidade quase canina o seu chefe.<sup>6</sup>

## ORGANIZAÇÃO

Um dos fatores mais importantes que contribuiu para o sucesso do Grande Exército foi sua organização, moderna e altamente flexível.

O Exército dividia-se em Corpos (normalmente de cinco a sete, dependendo da campanha), cada qual com efetivo que variava entre 10 e 50 mil homens. Estes Corpos-de-Exército eram semi-autônomos, pequenos exércitos de armas combinadas constituídos por unidades de combate e de apoio. Embora possuíssem capacidade de operar isoladamente, os Corpos normalmente eram empregados de modo coordenado, mantendo a distância de um dia de marcha entre eles. O Corpo, dependendo de seu tamanho ou da importância de sua missão, era comandado por um marechal ou por um general-de-divisão.

O Corpo-de-Exército francês era organizado da seguinte forma:

- estado-maior;
- duas ou três divisões de infantaria;
- uma divisão de cavalaria ligeira (ou uma brigada de cavalaria a três regimentos);
- um parque de artilharia (que poderia enquadrar uma pequena reserva de artilharia);
- uma ou duas companhias de engenharia com um parque;



- um trem de víveres e uma ambulância de campanha.

Napoleão depositava grande confiança em seus comandantes de Corpo e, frequentemente, dava-lhes grande liberdade de ação, fixando os objetivos estratégicos e coordenando-os para o cumprimento da missão. Por outro lado, quando seus comandantes falhavam, Napoleão não hesitava em repreendê-los ou dispensá-los do comando, muitas vezes assumindo, pessoalmente, o comando dos Corpos.

Os Corpos foram formados pela primeira vez em 1800, quando o General Moreau dividiu o Exército do Reno em quatro Corpos. Inicialmente os Corpos eram apenas estruturas temporárias, mas, em 1804, Napoleão os instituiu como formações permanentes. A cavalaria também foi organizada como um Corpo independente, com capacidade de realizar deslocamentos rápidos para apoiar a infantaria e constituiu, principalmente, a reserva do Grande Exército, capaz de atuar rapidamente onde fosse necessário.

A grande-unidade principal do Corpo era a Divisão, normalmente composta de 4 a 6 mil infantess e cavalarianos. A Divisão, por sua vez, era organizada em duas ou três Brigadas, estas divididas em Regimentos. A Divisão era apoiada por uma Brigada de Artilharia com três ou quatro baterias, cada qual armada com quatro canhões de campanha e dois obuseiros, totalizando 18 a 24 peças de artilharia. A Divisão possuía também outras unidades operacionais e de apoio que permitiam operar independentemente. O comando da Divisão era atribuição de um general-de-divisão.

## **AS UNIDADES COMBATENTES DO GRANDE EXÉRCITO**

Napoleão organizou as unidades do Grande Exército de maneira revolucionária, o que permitiu a operação de grandes efetivos com eficiência nos diversos tipos de manobra executados. Em sua obra *Arte da Guerra*, Ruas Santos resume as inovações implementadas



por Napoleão em suas unidades de combate:

Na infantaria, com homens selecionados entre os mais vivos, e especialmente treinados, Napoleão constituiu corpos de voltadores e flanqueadores, que formavam a infantaria ligeira.

Na cavalaria, que ele soube empregar melhor do que ninguém antes de si, e que era muito numerosa distinguia: a de reserva, ou grande cavalaria, de couraçados e carabineiros, couraçados e de capacete; a de linha, com os dragões, armados de fuzil para o combate a pé, e os lanceiros; e a ligeira, de hussardos e caçadores.

Na artilharia, aumentou o número de baterias a cavalo, ou baterias volantes, já imaginadas por Frederico II. Criou o trem de artilharia, isto é, corpos de condutores militares para substituir os condutores civis dos fornecedores, os quais subsistiam ainda em 1801. À medida que seu exército foi composto de soldados mais jovens e menos instruídos, Napoleão acresceu sua artilharia. Assim, em 1813, com menos de quatrocentos mil homens, teve mais de 1.200 bocas de fogo, o triplo do normal.

Acima do exército de linha, Napoleão colocou a guarda imperial, corpo de elite que, contando inicialmente com dez mil homens, acabou tendo noventa mil. Dividia-se em velha guarda, média guarda e jovem guarda. Esse corpo de elite era temido na Europa inteira. Era a reserva invencível e, sua aparição, em muitas emergências, era suficiente para quebrar o *élan* do adversário e decidir a vitória.<sup>7</sup>

### 1) Guarda Imperial

A Guarda Imperial (*Garde Impériale*) era a força de elite do Grande Exército e teve suas origens na Guarda Consular (*Garde Consulaire*). A Guarda constituía um Corpo de Exército completo, com divisões de infantaria, cavalaria e artilharia. Napoleão utilizava a Guarda Imperial como um exemplo a ser seguido pelas demais unidades do exército, cujos soldados, por terem lutado diversos combates ao lado do Imperador, a ele demonstravam lealdade absoluta. Apesar de a infantaria da Guarda raramente ser empregada como um todo, a cavalaria frequentemente era utilizada de-





cisivamente no combate e sua artilharia participava dos fogos de preparação que antecediam os ataques.

#### a) Infantaria da Guarda Imperial

A Infantaria da Guarda Imperial era dividida em três seções: a Velha Guarda, a Guarda Intermediária e a Jovem Guarda, cada qual com características organizacionais específicas

A Velha Guarda (*Vieille Garde*) era composta pelos veteranos mais antigos que haviam participado de três a cinco campanhas no exército de Napoleão. Considerada a nata do Grande Exército, a Velha Guarda era constituída por dois regimentos:

- Regimento de Granadeiros a Pé da Guarda Imperial (*Grenadiers à Pied de la Garde Impériale*):

Os Granadeiros da Guarda compunham o regimento mais antigo do Grande Exército. Durante a Campanha da Polônia, em 1807, os granadeiros receberam do próprio Napoleão o apelido de *les grognards* (os reclamões), devido à proximidade e a liberdade com que reivindicavam suas necessidades com

o Imperador. Os granadeiros tinham a reputação de serem os mais experientes e bravos infantes da Guarda, tendo alguns veteranos servido em mais de vinte campanhas.

Para se juntar aos Granadeiros o soldado deveria estar no exército francês a, pelo menos, dez anos; ter recebido uma citação por bravura em combate; ser alfabetizado e possuir altura superior a 1,78m. Os Granadeiros a Pé da Guarda não participavam de combates com a mesma frequência que os infantes da Jovem Guarda ou da Guarda Intermediária, mas, quando chamados a combater, demonstraram admirável poder de combate e eram temidos pelo inimigo.

Em 1815, os Granadeiros a Pé da Guarda expandiram-se para quatro regimentos. Os novos regimentos - 2º, 3º e 4º de Granadeiros - foram inicialmente classificados como da Velha Guarda, apesar de não possuírem nem a experiência nem o prestígio do 1º de Granadeiros. De fato, o exército se referia aos três novos regimentos como Guarda Intermediária. Foram essas três unidades as vencidas pela



Guarda britânica em Waterloo, uma vez que o 1º de Granadeiros encontrava-se, na oportunidade, engajado em combate contra os prussianos em Placenoit.

- Regimento de Caçadores a Pé da Guarda Imperial (*Chasseurs à Pied de la Garde Impériale*):

O regimento era o segundo mais importante do exército. Para ingressar na unidade os soldados deviam atender aos mesmos critérios estabelecidos para o 1º de Granadeiros, com exceção da altura, sendo aceitos aqueles que possuísem pelo menos 1,72m. Seus integrantes apresentavam o mesmo desempenho em combate dos Granadeiros, tendo participado de diversas batalhas cruciais.

Após o retorno de Napoleão, em 1815, a exemplo dos Granadeiros, os Caçadores a Pé tiveram seu efetivo majorado com a criação dos 2º, 3º e 4º Regimentos, com o aproveitamento de recrutas com apenas quatro anos de experiência. Estes regimentos, juntamente com os Granadeiros da Guarda Intermediária, participaram do assalto dos

Guardas na fase final da Batalha de Waterloo. Também como os Granadeiros, o 1º Regimento de Caçadores a Pé estava em Placenoit combatendo o exército prussiano.

A Guarda Intermediária (*Moyenne Garde*) era composta por veteranos de duas a três campanhas, sendo dividida em três tipos de unidades:

- Fuzileiros-Caçadores (*Fusiliers-Chasseurs*):

Em 1806 os Fuzileiros-Caçadores foram organizados como um regimento de infantaria da Guarda Intermediária. Seus integrantes eram veteranos de duas ou três campanhas, em sua maioria, sargentos nas unidades de infantaria de linha. Com a fama de serem a melhor infantaria de toda a Guarda, os Fuzileiros-Caçadores geralmente eram empregados com sua unidade correlata, os Fuzileiros-Granadeiros, constituindo uma Brigada de Fuzileiros de Guarda.

Os Fuzileiros-Caçadores tomaram parte de inúmeras campanhas



até 1814, quando foram desmobilizados após a abdicação de Napoleão. Seu armamento consistia no mosquetão Charleville Modelo 1777 com baioneta e um sabre curto. O regimento não foi reativado em 1815 para a Campanha dos Cem Dias.

- Fuzileiros-Granadeiros (*Fusiliers-Grenadiers*)

Constituídos em 1807, os Fuzileiros-Granadeiros formavam um dos Regimentos da Guarda Intermediária, e possuíam organização semelhante aos Fuzileiros-Caçadores, porém com efetivo ligeiramente maior. O Regimento de Fuzileiros-Granadeiros era empregado inserido na Brigada de Fuzileiros de Guarda e participou de numerosas ações de combate. A unidade também foi desativada em 1814 e, assim como os Fuzileiros-Caçadores, não foi reativada durante a Campanha dos Cem Dias de 1815. Os soldados do regimento eram armados com o mesmo mosquetão utilizado pelos Fuzileiros Caçadores.

- Fuzileiros Navais da Guarda (*Marins de la Garde*):

Os Fuzileiros Navais da Guarda surgiram em 1803, com a missão de guarnecer o navio que transportaria o Imperador durante a planejada invasão das Ilhas Britânicas, organizados em um Batalhão



Cabo granadeiro pertencente à Velha Guarda Imperial



dividido em cinco tripulações (*equipages*), com efetivo aproximado de companhias. Apesar do cancelamento da invasão da Inglaterra, a unidade foi mantida como parte da Guarda Intermediária, com a incumbência de operar botes, embarcações e outros meios de transporte aquáticos do Grande Exército, além de atuar como unidade de combate.

Da mesma forma que os demais fuzileiros da Guarda Intermediária, os Fuzileiros Navais eram armados com o mosquetão Charleville Modelo 1777 com baioneta. Muitos homens portavam também uma pistola, normalmente utilizada durante a operação com as embarcações.

A Jovem Guarda (*Jeune Garde*) foi organizada, inicialmente, com veteranos com participação em, pelo menos, uma campanha e de jovens oficiais que se destacassem em combate. Mais tarde, suas fileiras foram completadas por recrutas selecionados e voluntários, mesmo sem experiência de batalha. A Jovem Guarda, mais conhecida pelo entusiasmo de seus homens do

que pela capacidade de combate, dividia-se em dois Regimentos de Atiradores: Atiradores-Granadeiros e Atiradores-Caçadores.

Em 1808 Napoleão ordenou que os conscritos mais fortes e mais inteligentes formassem os regimentos da Jovem Guarda. Desse universo, os soldados que possuíam maior estatura foram designados para os Atiradores-Granadeiros (renomeados Atiradores em 1810) e, os de menor estatura, para os Atiradores-Caçadores (renomeados Volteadores-*Voltiguers* em 1810).

Para compensar a falta de experiência em combate dessas unidades, Napoleão selecionou os oficiais dentre os integrantes da Velha Guarda e, os sargentos, escolhidos nos quadros da Guarda Intermediária.

#### b) Cavalaria da Guarda Imperial

Em 1804 a Cavalaria da Guarda Imperial consistia de dois regimentos - os Caçadores a Cavalo e os Granadeiros a Cavalo – além de uma pequena unidade de elite – os *Gendarmes* – e um esquadrão de Mamelucos. Um terceiro regimento



foi adicionado em 1806: o Regimento de Dragões da Guarda Imperial (mais tarde ficaria conhecido como *Dragons de l'Imperatrice*, os Dragões da Imperatriz).

Após a Campanha da Polônia, em 1807, um regimento de lanceiros poloneses – o Regimento de Cavalaria Ligeira da Guarda Imperial polonês – passou a integrar a Cavalaria da Guarda, que receberia ainda, em 1810, outro regimento de lanceiros, formado por recrutas franceses e holandeses, com a designação de 2º Regimento de Cavalaria Ligeira da Guarda Imperial e apelidado de Lanceiros Vermelhos.

A Cavalaria da Guarda Imperial participou de diversas batalhas e, com raras exceções, demonstrou sua capacidade de combate. Um dos mais famosos episódios registrados na história foi a carga dos lanceiros poloneses na Batalha de Waterloo, quando, ao lado dos coraceros, conseguiram desorganizar e dispersar o Regimento *Scots Greys* e a Brigada da União britânicos.

- Granadeiros a Cavalo da Guarda Imperial (*Grenadiers à Cheval de la Garde Impériale*):

Apelidados de “deuses” ou “gigantes”, os Granadeiros a Cavalo eram considerados a elite da Guarda napoleônica e correspondiam à versão hipomóvel dos *Grognards*. Seus integrantes precisavam possuir ao menos 1,76m de estatura, estar servindo no exército por dez anos, ter participado de, no mínimo, quatro campanhas e ter recebido uma citação por bravura em combate.

Os granadeiros portaram-se admiravelmente durante a Batalha de Austerlitz, quando venceram a cavalaria russa, mas o combate mais célebre do qual tomaram parte foi a Batalha de Eylau. Ao receberem o fogo de sessenta canhões russos, os cavalarianos procuraram uma posição abrigada. Sob a liderança de seu comandante, Coronel Louis Lepic, os Granadeiros a Cavalo uniram-se à carga do Marechal Murat, rompendo as linhas russas. Os Granadeiros a Cavalo, juntamente com os Lanceiros Poloneses, foram as únicas unidades de cavalaria da



Guarda que nunca foram derrotadas em batalha.

- Caçadores a Cavalos da Guarda Imperial (*Chasseurs à cheval de la Garde Impériale*):

Apelidados de “crianças favoritas”, os Caçadores a Cavalos da Guarda eram a tropa ligeira de cavalaria, uma das favoritas de Napoleão. Em 1796, durante a Campanha da Itália, Napoleão ordenou a formação de uma guarda pessoal após ter escapado por pouco de um ataque da cavalaria austríaca em Borghetto, surpreendido enquanto almoçava. Uma unidade de batedores, com efetivo de duzentos homens, foi transformada nos Caçadores a Cavalos da Guarda. A predileção do imperador por esta unidade era visível, pois Napoleão costumava envergava o uniforme de coronel do Regimento. Os privilégios perante o imperador, no entanto, prejudicavam a disciplina, sendo frequentes os casos de indisciplina ou insubordinação.

Sua primeira ação em combate ocorreu durante a Batalha de Austerlitz, quando recebeu a tarefa de

investir contra a cavalaria de guarda russa. Durante a Campanha Peninsular, em 1808, os Caçadores a Cavalos foram emboscados e derrotados por uma grande força de cavalaria britânica na Batalha de Benavente. A unidade, contudo, recuperou sua reputação em Waterloo, quando seus homens demonstraram singular bravura em combate.

- *Gendarmes* de Elite da Guarda Imperial (*Gendarmerie d'Elite*):

Os *Gendarmes* desempenhavam um papel fundamental na organização do Grande Exército, constituindo sua polícia militar. A missão da unidade consistia em manter a ordem e a segurança do quartel-general de Napoleão, interrogar prisioneiros de guerra, realizar guardas de honra para autoridades visitantes e proteger a bagagem pessoal do imperador. Inicialmente os *Gendarmes* de Elite raramente participaram de ações de combate – o que lhes valeu o apelido de “Os imortais” – mas, após 1807, foram empregados com eficiência nas operações, com destaque na defesa da ponte sobre o



rio Danúbio em Aspen-Essling (1809).

- Esquadrão de Mamelucos (*Escadron de Mamalukes*):

O esquadrão foi formado durante a Campanha do Egito, composto por guerreiros do deserto que juraram lealdade a Napoleão. Os mamelucos eram excelentes cavaleiros e combinavam apurada técnica no manejo da espada com espírito fanático de coragem. Originalmente os mamelucos constituíam uma companhia (meio esquadrão) incorporada ao Regimento de Caçadores a Cavalos da Guarda, porém, com seu desempenho em combate em Austerlitz, ganharam um estandarte de batalha e receberam autonomia, tornando-se um esquadrão independente. Um segundo esquadrão de mamelucos foi formado posteriormente e adido à Jovem Guarda, o qual participou ativamente da Campanha dos Cem Dias.

Os oficiais do Esquadrão de Mamelucos eram todos franceses, mas entre os suboficiais havia egípcios, gregos, turcos e cipriotas. Seu

armamento era peculiar, consistindo de uma espada curva de lâmina longa (cimitarra), pistolas e adagas.

- Lanceiros da Guarda Imperial (*Cheveau-Légers-Lanciers de la Garde Impériale*):

Em 1807 Napoleão autorizou a criação de um regimento de cavalaria ligeira polonês, o qual deveria ser treinado por instrutores franceses. Todavia, durante a primeira inspeção na nova unidade, o imperador ficou tão impressionado com a disciplina e o espírito militar da tropa que dispensou os instrutores franceses.

Durante a Batalha de Somosierra, no ano seguinte, os lanceiros poloneses tiveram nova oportunidade para impressionar o imperador, desta vez no campo da luta. Napoleão ordenou ao regimento que realizasse uma carga contra uma bem fortificada posição de artilharia espanhola. Armados somente com sabres e pistolas, os poloneses colocaram fora de ação quatro baterias, capturando vinte canhões e modifi-



cando decisivamente o curso da batalha em favor dos franceses. Com esta carga bem sucedida, Napoleão atribuiu-lhes o status de unidade da Velha Guarda, após o que os poloneses foram reorganizados como regimento de lanceiros, permanecendo fiéis a Napoleão até Waterloo e sem nunca terem sido vencidos em batalha.

O 1º Regimento de Lanceiros da Guarda rivalizava com seus compatriotas do 1º Regimento de Ulhanos do Vístula, pertencente ao exército regular. A rivalidade não era somente para determinar qual das duas era a melhor unidade, mas motivada por uma profunda diferença política: enquanto os lanceiros eram bonapartistas fanáticos, os ulhanos eram favoráveis à República.

Em 1810 foi formado um novo regimento de lanceiros, o 2º Regimento de Lanceiros franco-holandes, conhecido como “Os Lanceiros Vermelhos” (*Les Lanciers Rouges*) em razão da cor de seus uniformes. A unidade sofreu pesadas baixas face os cossacos russos e ao rigoroso inverno durante a Campanha

da Rússia de 1812, sendo praticamente dizimado. No ano seguinte o regimento foi reorganizado, com quatro esquadrões de veteranos da Velha Guarda e seis esquadrões com cavalarianos da Jovem Guarda, e se distinguiu em diversos combates, inclusive na Batalha de Waterloo.

O 3º Regimento de Lanceiros polonês foi formado em 1812 como parte da Jovem Guarda. Com oficiais e sargentos veteranos, o regimento possuía soldados jovens e inexperientes, filhos de colonos poloneses e lituanos. Com treinamento deficiente, o regimento foi lançado contra a Rússia, onde foi praticamente aniquilado pelos husardos e cossacos russos.

- Dragões da Imperatriz (*Dragons de l'Impératrice*):

Organizada em 1806 como Regimento de Dragões da Guarda Imperial, no ano seguinte a unidade foi renomeada em homenagem à Imperatriz Josefina. Originalmente os candidatos às suas fileiras precisavam pelo menos seis (mais tarde dez) anos de serviço, altura mínima





de 1,73 m e ter participado de duas campanhas no mínimo. Não mais do que doze candidatos de cada um dos trinta regimentos de dragões do exército regular foram admitidos. Alguns voluntários de outros regimentos da Guarda também foram transferidos para a nova unidade. Os Dragões da Imperatriz possuíam papel mais cerimonial do que combatente, tendo participado de raras ações de combate. Como os Lanceiros Vermelhos, a unidade possuía esquadrões tanto na Velha quanto na Jovem Guarda e serviu ao imperador até o fim.

- Esclarecedores da Guarda Imperial (*Eclaireurs de la Garde Impériale*)

Durante a terrível retirada de Moscou, Napoleão ficou particularmente impressionado pela destreza dos diversos regimentos de cossacos russos e os usou como modelo para criar uma nova brigada de cavalaria – os Esclarecedores – por ocasião da reorganização da Guarda Imperial em dezembro de 1813. Três regimentos, com 1.000 homens cada, foram criados: o 1º de

Esclarecedores-Granadeiros, o 2º de Esclarecedores-Dragões e o 3º de Esclarecedores-Lanceiros.

Os Esclarecedores tiveram tempo somente para atuar durante a Campanha da França, em 1914, e foram dissolvidos por Luís XVIII após a restauração.

## 2) Infantaria Regular

Apesar de a infantaria não ser a mais prestigiada das armas do Grande Exército, ela constituía a alma do exército e de seu desempenho resultava a vitória ou a derrota. A infantaria regular era dividida em dois tipos principais: Infantaria de Linha (*Infanterie de Ligne*) e Infantaria Ligeira (*Infanterie Légère*).

- Infantaria de Linha

A Infantaria de Linha representava a maior parte do Grande Exército. Em 1803 Napoleão reinstituiu o termo Regimento, passando a denominação revolucionária de meia-brigada a ser utilizada para agrupamentos provisórios e tropas em depósito. Por ocasião da criação do Grande Exército, havia oitenta e



nove regimentos de infantaria de linha, número que correspondia à quantidade de departamentos da França. Em seu auge, porém, o Grande Exército enquadrou 156 Regimentos de Linha.

O tamanho e a organização dos Regimentos de Linha variaram através das Guerras Napoleônicas, mas sua unidade elementar era o batalhão. Um batalhão de infantaria de linha completo possuía cerca de 840 homens, embora fosse mais comum o batalhão com efetivo entre 400 e 600 infantes. De 1800 a 1803 o Batalhão de Infantaria de Linha era formado por oito companhias de fuzileiros e uma companhia de granadeiros. Entre 1804 e 1807 a organização foi alterada para sete companhias de fuzileiros, uma de granadeiros e uma de volteadores. A partir de 1808 o batalhão de linha foi reduzido, passando a ser formado por quatro companhias de fuzileiros, uma de granadeiros e uma de volteadores.

Os fuzileiros representavam o maior efetivo dentro do batalhão de infantaria de linha e eram armados

com o mosquetão Flintlock Charleville modelo 1777, carregado pela boca, com baioneta. O treinamento enfatizava a rusticidade, velocidade em marcha, tiro individual e combate aproximado. Esta modalidade de adestramento diferia muito dos demais exércitos europeus, baseados no deslocamento de formações rígidas e tiro emassado. Muitas das vitórias iniciais de Napoleão foram possíveis devido à habilidade de sua infantaria em realizar grandes deslocamentos em tempo reduzido.

Os granadeiros constituíam a elite da infantaria de linha e a tropa de choque napoleônica. Batalhões recém-formados não possuíam companhia de granadeiros e, somente após a unidade participar de duas campanhas, eram selecionados os fuzileiros mais fortes e que haviam demonstrado bravura em combate para constituírem uma companhia de granadeiros. Além do mosquetão com baioneta, comum aos fuzileiros, os granadeiros eram armados com um sabre curto que servia tanto para o combate aproximado quanto como ferramenta de



campanha. Os granadeiros distinguiram-se pelo chapéu tipo pele de urso e, por questões regulamentares, deveriam utilizar bigode.

A companhia de granadeiros normalmente entrava em posição à direita do dispositivo, tradicionalmente o local de maior honra no campo de batalha. Durante a campanha algumas companhias de granadeiros podiam ser agrupadas para constituir um batalhão de granadeiros provisório, ou, ocasionalmente, um regimento ou uma brigada de granadeiros.

Os volteadores cumpriam o papel de infantaria ligeira dentro do regimento de linha. Em 1805 Napoleão determinou que os homens menores e mais ágeis fossem selecionados em cada batalhão de infantaria para formarem uma companhia de volteadores. Essas tropas, após os granadeiros, ocupavam a segunda posição na hierarquia do batalhão. Seu nome derivava da missão de combater a cavalaria mediante o volteio sobre os cavalos inimigos, idéia de difícil execução que falhou completamente na prática. Apesar disso, os volteadores foram

mantidos e receberam novas tarefas, provendo segurança aos batalhões, particularmente nos flancos. O treinamento priorizava o tiro de precisão e a rapidez de movimento.

Originalmente, os volteadores foram armados com o mosquete curto distribuído às unidades de dragões, mas, na prática, empregavam em grande quantidade o mosquetão Charleville modelo 1777. Como os granadeiros, as companhias de volteadores podiam ser reunidas em batalhões, regimentos ou brigadas provisórias de infantaria ligeira.

- Infantaria Ligeira:

Enquanto a infantaria de linha desempenhava o papel principal na estrutura do Grande Exército, a infantaria ligeira também tinha a seu cargo importantes tarefas durante o combate. A infantaria ligeira francesa nunca excedeu a quantidade de trinta e cinco regimentos, mas diferia da infantaria de linha por seu treinamento e espírito de corpo mais apurados.

O treinamento das unidades ligeiras de infantaria priorizava o tiro



de precisão e a mobilidade, resultando em soldados capazes de atingir alvos inimigos a distâncias superiores e de realizar manobras com mais velocidade do que os infantes de linha. Devido a essas características, a infantaria ligeira participou de mais ações e realizou manobras com maior amplitude o que, conseqüentemente, acarretou em maior espírito de corpo e agressividade em combate.

As unidades ligeiras também eram requisitadas para guiarem unidades de linha – maiores e mais lentas - em terrenos difíceis e acidentados e, no combate, podiam se ocultar facilmente atrás de obstáculos no terreno. As tropas ligeiras compreendiam os caçadores, carabineiros e volteadores.

Os caçadores (*chasseurs*) correspondiam aos fuzileiros nos batalhões ligeiros e constituíam o maior efetivo destes. Os caçadores também eram armados com o mosquetão Charleville modelo 1777, com baioneta, e com um sabre para combate aproximado. Em 1803 o batalhão de infantaria ligeira compreendia oito companhias de caçadores,

cada uma delas com efetivo de 120 homens. Em 1808, Napoleão reorganizou sua infantaria e cada batalhão passou a ter de seis a nove companhias, com efetivo ampliado para 140 infantes, quatro das quais eram de caçadores.

As companhias de carabineiros (*carabiniers*) desempenhavam, na infantaria ligeira, papel semelhante aos granadeiros na infantaria de linha, ou seja, atuar como tropa de choque do batalhão. O armamento dos carabineiros era essencialmente o mesmo dos caçadores e suas companhias podiam ser destacadas para operar de forma independente em situações que requeressem tropas de assalto.

Os volteadores completavam o efetivo dos batalhões de infantaria ligeira e possuíam, essencialmente, as mesmas missões dos volteadores da infantaria de linha, destacando-se pela perícia e precisão no tiro com o mosquetão Charleville. De maneira semelhante aos companheiros da infantaria de linha, os volteadores ligeiros podiam ser



agrupados em formações provisórias para cumprirem missões específicas.

### 3) Cavalaria Regular

Um decreto do imperador estabelecia que a cavalaria deveria representar de um quinto a um sexto do efetivo do Grande Exército. Os regimentos de cavalaria, com efetivo de 800 a 1.200 homens, foram organizados com 3 ou 4 esquadrões de 2 companhias cada, mais elementos de apoio. A primeira companhia de cada primeiro esquadrão de regimento, era sempre designada como Elite, contando, presumidamente, com os melhores homens e cavalos. Com a eclosão da Revolução Francesa, a cavalaria foi a arma que sofreu as maiores perdas de oficiais e sargentos, pois muitos eram oriundos da aristocracia ainda leal à coroa do Antigo Regime. Em consequência, a qualidade da cavalaria francesa declinou drasticamente. Napoleão praticamente reconstruiu a arma, tornando-a uma das melhores do mundo. O Grande Exército possuía dois tipos de unidades de cavalaria, as quais desempenhavam

diferentes papéis: as cavalarias pesada e ligeira.

#### a) Cavalaria Pesada

A cavalaria pesada constituía a arma de choque do Grande Exército, a quem cabia a tarefa de desferrar golpes decisivos contra as formações inimigas. Dividia-se em regimentos de couraceiros, de dragões e de carabineiros a cavalo.

#### - Couraceiros (*Cuirassiers*)

Os couraceiros eram equipados e armados quase como os antigos cavaleiros medievais. Seus integrantes utilizavam uma pesada couraça (armadura) e capacetes de cobre e ferro e eram armados com sabres longos, pistolas e, posteriormente, carabinas. Devido ao peso de suas armaduras e armas, os soldados e cavalos tinham de ser grandes e fortes, e podiam, conseqüentemente, imprimir mais vigor em suas cargas. Entretanto, os couraceiros normalmente eram empregados em apoio à cavalaria ligeira e aos dragões. Apesar desta tarefa limitada, as tropas de couraceiros demonstraram ser uma potente força no campo



de batalha, deixando seus oponentes impressionados. Os ingleses, em particular, acreditavam erroneamente que os couraceiros constituíam a guarda pessoal de Napoleão e, mais tarde, viriam a adaptar seus característicos capacetes e couraças para sua própria Cavalaria de Guarda. Havia, inicialmente, vinte e cinco regimentos de couraceiros no Grande Exército; mais tarde esse número seria reduzido para dezoito regimentos.

- Dragões (*Dragons*)

O peso mediano do conjunto cavalo-cavaleiro caracterizava os regimentos de dragões da cavalaria francesa, embora fossem considerados como cavalaria pesada, os quais eram empregados em missões de segurança e reconhecimento. Os dragões franceses eram altamente versáteis, sendo armados não somente com o sabre tradicional, mas também com pistolas e mosquetes, que eram mantidos em um suporte preso à sela do cavalo, quando montados. Esta variedade de armamento conferia-lhes a capacidade de lutarem tanto sobre o cavalo quanto a pé,

nos moldes da infantaria. A versatilidade, contudo, tinha seu preço: em geral os dragões não eram cavaleiros tão hábeis e não possuíam muita destreza no combate com o sabre. Por não alcançarem os padrões exigidos para outras tropas de cavalaria, os dragões eram frequentemente alvos de gozações e, até mesmo, de questionamentos acerca de sua eficiência.

Outra dificuldade encontrada por esta tropa era a obtenção de montarias, tendo sido, muitas vezes, requisitados os cavalos de oficiais de infantaria para supri-los, o que provocou ressentimentos entre os infantas e os dragões. Por ocasião da organização do Grande Exército, havia vinte e cinco regimentos de dragões, cifra que subiu para trinta em 1812. Porém, durante a Campanha dos Cem Dias de 1815, somente quinze regimentos de dragões puderam ser organizados para o combate.

- Carabineiros a Cavalo (*Carabiniers-à-Cheval*)

Os carabineiros a cavalo possuíam organização, armamento e



missões semelhantes aos dos dragões, sendo, no entanto, mais levemente armados e não equipados com couraça. Estas características os tornavam menos aptos ao combate aproximado e, por esta razão, somente foram organizados dois regimentos. Em 1809, indignado pelas baixas sofridas diante dos ulhanos austríacos, Napoleão determinou que fossem distribuídas couraças aos carabineiros a cavalo, providência que não impediu sua derrota pelos couraceiros russos na Batalha de Borodino, em 1812, nem sua total desorganização diante dos hussardos húngaros em Leipzig no ano seguinte.

#### b) Cavalaria Ligeira

A cavalaria ligeira de Napoleão possuía armamento e equipamento mais leve do que seus companheiros com couraças, o que lhe conferia grande velocidade e mobilidade no campo de batalha. Sua estrutura compreendia regimentos de hussardos, lanceiros e caçadores a cavalo.

#### - Hussardos (*Hussars*)

Estes rápidos e leves cavaleiros representavam os olhos e ouvidos do exército de Napoleão. Seu emprego consistia na execução de missões de reconhecimentos, proteção, coleta de informações, além de realizar a perseguição a tropas inimigas em retirada. Os hussardos se intitulavam os melhores cavaleiros e espadachins em todo o Exército, opinião esta justificada em numerosos combates. Armados somente com sabres curvos e pistolas, os hussardos possuíam espírito altamente agressivo e a reputação de realizarem cargas quase suicidas. No Grande Exército era comum dizer que um hussardo que vivesse até os trinta anos de idade era verdadeiramente muito afortunado.

Dez regimentos de hussardos foram organizados em 1804, um décimo-primeiro surgiu em 1810 e mais dois foram acrescentados em 1813.

#### - Caçadores a Cavalo (*Chasseurs-à-Cheval*)

Os caçadores a cavalo possuíam organização e emprego tático



semelhantes aos hussardos, porém não dispunham de tanto prestígio ou reputação. Seu próprio uniforme deixava transparecer sua condição subalterna, sendo menos vistoso e colorido do que o dos hussardos. Os caçadores a cavalo, no entanto, constituíam o ramo mais numeroso da cavalaria ligeira, contando com trinta e um regimentos em 1811, seis dos quais compostos por aliados não-franceses: belgas, suíços, italianos e alemães.

#### - Lanceiros (*Lanciers*)

Uma das mais temidas unidades de cavalaria de Napoleão eram os lanceiros poloneses do 1º Regimento de Ulhanos do Vístula. Apelidados pelos espanhóis de *Los Diablos Polacos*, os lanceiros poloneses possuíam mobilidade e velocidade semelhantes aos hussardos, poder de choque quase igual aos couraceiros e versatilidade comparável aos dragões.

Como o próprio nome sugere, os lanceiros eram armados com lanças longas, além de pistolas e sabres. Constituíam a melhor tropa de cavalaria para realizar cargas contra

a infantaria inimiga formada em quadrados defensivos, podendo suas lanças superar facilmente as baionetas dos infantes, como aconteceu na Batalha de Albuera, em 1811, quando venceram a Brigada Colborne britânica. Também eram empregados com eficácia na perseguição a tropas inimigas em fuga e no combate a outras formações de cavalaria, o que foi demonstrado na vitória sobre o Regimento *Scots Greys* do General Sir William Ponsonby em Waterloo. Após a vitória sobre Napoleão, os britânicos ficaram tão impressionados com o desempenho dos lanceiros que criaram seu próprio regimento.

Excluindo as unidades da Guarda, o exército francês conseguiu organizar nove regimentos de lanceiros.

#### 4) Artilharia

O próprio Napoleão era oriundo da arma de artilharia e reconhecia seu valor. A respeito da importância dos canhões no campo de batalha, o imperador declarou: “*Deus luta ao lado daquele que possui a melhor artilharia.*” De acordo





com este pensamento, os canhões franceses constituíam a espinha dorsal do Grande Exército, possuindo o maior poder de fogo dentre as três armas e sendo capaz de causar mais baixas ao inimigo em menor tempo.

Os canhões franceses eram frequentemente empregados em baterias emassadas (*grandes batteries*), com o objetivo de desorganizar e causar baixas nas formações inimigas, precedendo os ataques da infantaria e da cavalaria. O adestramento apurado das guarnições permitiu o deslocamento da artilharia francesa com grande velocidade, seja para reforçar uma posição defensiva ou para surpreender o inimigo rompendo suas linhas pelo fogo.

Além do treinamento superior, a artilharia de Napoleão gozava da vantagem de incorporar diversas inovações tecnológicas, implementadas por Jean Baptiste de Gribeauval, que tornaram os canhões franceses mais leves, móveis e fáceis de apontar, além de padronizar os calibres e construir reparos extrema-

mente resistentes. A artilharia francesa era dotada de canhões de 4, 8 e 12 libras e obuseiros de 6 polegadas. Em geral, as peças de artilharia possuíam tubo de bronze e o reparo, rodas e flecha pintados na cor verde-oliva, o que favorecia sua camuflagem no terreno.

A organização refinada da artilharia – em perfeita coordenação com as unidades apoiadas de infantaria e de cavalaria – possibilitava também seu emprego de modo independente, sempre que necessário. Havia, no Grande Exército, dois tipos básicos de artilharia: artilharia a pé (*Artillerie à Pied*) e artilharia a cavalo (*Artillerie à Cheval*), além do trem de artilharia (*Train d'artillerie*) que lhes prestava o apoio devido.

#### - Artilharia a Pé

Conforme a própria denominação indica, os artilheiros a pé marchavam ao lado de seus canhões, os quais eram, obviamente, tracionados por pares de cavalos. Em 1805 havia oito regimentos de artilharia a pé (posteriormente esse nú-



mero subiu para dez) no exército regular e mais dois na Guarda Imperial. Diferentemente do que ocorria na infantaria e na cavalaria, o regimento de artilharia era uma organização administrativa. As unidades táticas e operacionais da artilharia eram as baterias – com efetivo de 120 artilheiros – as quais eram agrupadas em brigadas que integravam as Divisões e os Corpos na seguinte dosagem:

\* Artilharia Divisionária: cada divisão possuía uma brigada de artilharia formada por três ou quatro baterias com 8 peças cada (6 canhões e dois obuseiros).

\* Artilharia Reserva do Corpo: cada um dos corpos possuía sua própria artilharia reserva, constituída uma ou mais brigadas, e armada com as peças mais pesadas e de maior calibre.

O efetivo da bateria não era constituído somente pelas guarnições das peças e incluía também tambores, ferreiros, carpinteiros, ourives, furriéis e artífices, os quais eram responsáveis pela manutenção do armamento, pelo trato com os

animais de tração e pelo remunciação.

#### - Artilharia a Cavalos

As unidades de cavalaria eram apoiadas pela artilharia a cavalo, dotada de canhões mais leves, de tiro rápido, com maior mobilidade. Nesta artilharia, os homens deslocavam-se a cavalo ou embarcados em carretas hipotracionadas e, em razão de atuarem bem mais perto da linha de frente, possuíam armamento melhor e treinamento específico de combate aproximado, podendo lutar montados ou desmontados a exemplo dos dragões. Quando alcançavam a posição de bateria, os artilheiros a cavalo eram treinados para desmontar rapidamente, acionar e apontar os canhões e disparar contra o inimigo em curto espaço de tempo. Após isso, com a mesma rapidez, os canhões eram atrelados e a bateria podia se deslocar para nova posição. Para atender a esta exigência do combate, o artilheiro a cavalo deveria possuir treinamento apurado e era considerado a elite da artilharia.



As bem adestradas baterias a cavalo da Guarda Imperial conseguiam passar da situação de marcha (soldados montados e canhões atrelados aos cavalos) para posição de pronto para abertura do fogo em menos de um minuto.

Havia seis regimentos administrativos de artilharia a cavalo no exército regular e mais um na Guarda Imperial. Apesar de serem unidades caras de equipar e manter, Napoleão procurou dotar seus Corpos com baterias de artilharia a cavalo independentes. O custo elevado, porém, fez com que a artilharia a cavalo tivesse poucas unidades, representando pouco mais de um quinto de toda a artilharia francesa.

- Trem de Artilharia (*Train d'artillerie*)

O trem de artilharia foi estabelecido por Napoleão em janeiro de 1800, com a função de prover os condutores de carretas e serventes tratadores de animais de tração da artilharia. Anteriormente à criação dessa unidade, o exército francês, nos moldes dos demais exércitos

européus, utilizava civis contratados para executar estas tarefas, os quais, muitas vezes, abandonavam os canhões e os cavalos quando sob fogo inimigo, deixando sua artilharia imóvel e vulnerável no momento mais crítico da batalha. Diferentemente de seus antecessores civis, o efetivo que compunha o trem de artilharia era de militares, uniformizados, armados e com treinamento de combate. Os condutores eram armados com uma carabina, uma espada curta modelo infantaria e uma pistola e, embora possuíssem a reputação de azarados e corruptos, provaram ser combativos quando atacados pelos cossacos russos e pelos guerrilheiros tirolezes e espanhóis.

Cada batalhão de trem de artilharia era composto, inicialmente, por cinco companhias. A primeira companhia, considerada de elite, era distribuída à bateria de artilharia a cavalo; as três companhias centrais mobiliavam as baterias a pé e a última destinava-se ao recomplemento e ao treinamento dos recrutas.



Após o término da Campanha de 1800, o trem de artilharia foi reorganizado em oito batalhões com seis companhias cada. Com a ampliação da artilharia de Napoleão, foram criados novos batalhões, totalizando 14 unidades em 1810. Em 1809, 1812 e 1813, os treze batalhões de trem de artilharia foram divididos ao meio, a fim de criar treze batalhões adicionais. Além disso, após 1809 alguns batalhões receberam companhias extra para mobiliar os canhões regimentais adidos à infantaria.

A Guarda Imperial possuía seu próprio trem de artilharia que era organizado em regimentos, ao invés de batalhões. Em 1814 a artilharia da Velha Guarda era apoiada por um regimento de doze companhias, enquanto a artilharia da Jovem Guarda recebia o suporte de um regimento um pouco maior, com 16 companhias, cada qual apoiando uma de suas baterias de artilharia.

##### 5) Fuzileiros Navais Imperiais (*Marins*)

Os quatro regimentos de fuzileiros navais do Antigo Regime foram desativados em janeiro de 1824.

Os Fuzileiros Navais do Grande Exército foram formados em 1803, com o objetivo principal de liderar a invasão da Inglaterra, e organizados em Batalhões de Fuzileiros Navais da Guarda Imperial (*Bataillon des Marins de la Garde Imperial*), nos quais serviram cerca de 32 mil fuzileiros no auge da expansão Napoleônica. Outras unidades de fuzileiros foram criadas para serviço em terra e para mobiliar as baterias de artilharia costeira, denominadas Batalhões de Marinheiros de Terra (*bataillons de la Matelot du Haut-Bord*)<sup>8</sup>. Ao todo, foram ativadas 63 baterias de artilharia costeira.

Os Fuzileiros Navais da Guarda foram organizados em cinco equipagens (*equipages*) – Companhias de Navio - cada qual composta por cinco esquadras, totalizando 737 fuzileiros. A unidade foi quase totalmente destruída em



1808, durante a Campanha da Espanha, na batalha de Baylen. Dois anos depois, no entanto, os fuzileiros navais foram reorganizados e tiveram seu efetivo ampliado para 1.100 fuzileiros divididos em oito equipagens. Com o fracasso na Campanha da Rússia, os fuzileiros foram novamente afetados, restando somente três centenas de homens em suas fileiras.

Por ocasião da primeira abdicação de Napoleão, um guarda-marinha e vinte e um fuzileiros o acompanharam até seu exílio na Ilha de Elba. Quando o Imperador retornou para empreender a Campanha dos Cem Dias, essa pequena força de fuzileiros novamente o acompanhou, sendo ampliada para um efetivo de 150 homens.

Os batalhões de Artilharia de Fuzileiros participaram da Campanha de 1813, agrupados em quatro regimentos. O 1º Regimento possuía oito batalhões, o 2º dez batalhões, enquanto o 3º e o 4º possuíam quatro batalhões cada, totalizando quase dez mil homens. Juntamente com outras unidades navais, a arti-

lharia dos fuzileiros integrava a Divisão de Fuzileiros, subordinada ao 6º Corpo do Marechal Marmont, e combateu com destaque nas batalhas de Lutzen, Bautzen, Dresden e Leipzig.

As unidades de Fuzileiros Navais foram extintas em 1815, com a derrota de Napoleão.

#### 6) Engenharia

Apesar de a glória da batalha ter sido creditada aos infantes, cavalaria e artilheiros, os engenheiros de combate também desempenharam papel relevante nas ações do Grande Exército.

Os pontoneiros – a quem cabia a tarefa de construir as pontes durante o combate – constituíam peça fundamental da máquina militar de Napoleão. Lançando pontes de pontões sobre os rios obstáculo, a engenharia permitiu a Napoleão flanquear posições inimigas, surpreendendo os adversários atacando-os onde menos esperavam. Por ocasião da retirada de Moscou, a engenharia salvou o exército francês da aniquilação no rio Berezina.



Napoleão organizou quatorze companhias de engenheiros, sob o comando do General Jean Baptiste Eblé. O treinamento dos engenheiros, aliado às suas ferramentas e equipamentos especializados, capacitou-os para montar as várias partes das pontes, que podiam, então, ser rapidamente construídas e reutilizadas mais tarde. Todos os materiais necessários, ferramentas e partes eram transportados em trens hipomóveis. Uma simples companhia de pontoneiros podia construir uma ponte acima de 80 pontões (entre 120 e 150 metros de comprimento) em apenas sete horas, um feito impressionante até mesmo para os padrões atuais.

Além dos pontoneiros, havia companhias de sapadores, para neutralizar as fortificações inimigas. Os sapadores foram empregados com menos frequência do que os pontoneiros, pois Napoleão aprendera já nas primeiras campanhas - como no Cerco de Acre - que atacá-las diretamente. Desta forma, as companhias de sapadores passaram a receber outras tarefas.

## 7) Logística

Um dos aforismos mais famosos de Napoleão é seu ditado que “um exército é uma criatura que marcha sobre seu estômago”. Este pensamento revela a importância que o Imperador atribuía à logística militar. As unidades de combate do Grande Exército carregavam provisões para quatro dias. O trem de suprimento se deslocava em seguida, transportando oito dias de provisões, as quais somente poderiam ser consumidas em caso de emergência. Sempre que possível, o Grande Exército empregava recursos locais para prover seu abastecimento, por meio de pilhagens e requisições de alimentos e outros itens.

Suprimentos adicionais podiam ser estocados em bases avançadas e depósitos estabelecidos antes das campanhas. Estes podiam ser deslocados para a frente, acompanhando o avanço do exército. As bases de abastecimento do Grande Exército supriam os depósitos dos Corpos e Divisões, os quais, por sua vez, recompletavam os trens de suprimento das Brigadas e dos Regi-



mentos. O elo final da cadeia de suprimento era a distribuição de alimentação e munição dos depósitos regimentais para as unidades de combate.

O aproveitamento dos recursos locais sofreu, em algumas ocasiões, influências políticas. Quando marchando em território amigo, o exército era incentivado a “viver com o que o país pudesse oferecer”, mas, quando em território neutro, era suprido pelos trens de suprimento. Este sistema logístico flexível possibilitou ao Grande Exército marchar 15 milhas diárias por cinco semanas consecutivas. A logística francesa também se beneficiou da técnica de conservação de alimentos inventada por Nicolas François Appert, a qual permitia o armazenamento dos alimentos por mais tempo sem que este perdesse a qualidade.

## 8) Comunicações

Em razão das dimensões do Grande Exército, as comunicações eram essenciais para as operações de combate. O principal meio de

transmissão de ordens era o mensageiro a cavalo e os hussardos, por sua bravura e habilidades equestres, eram os preferidos para cumprir esta perigosa missão.

Para a transmissão de ordens em distâncias reduzidas eram empregados diversos meios de comunicações, como bandeirolas, tambores, cornetas, clarins e outros instrumentos musicais. Os porta-estandartes e os músicos, além do valor simbólico e de coesão, desempenhavam importante papel nas comunicações de campanha.

O Grande Exército utilizou inovações tecnológicas para realizar as comunicações de longa distância. Os franceses foram pioneiros na utilização de pombos-correio que conduziam mensagens e de balões de observação, os quais também eram empregados nas comunicações. Contudo, a verdadeira revolução nas comunicações francesas foi a introdução do sistema telegráfico ótico por semáforos, inventado por Claude Chappe. O sistema de Chappe compreendia uma complexa rede de pequenas torres com visada direta entre si. No topo de cada uma



delas havia um mastro com nove metros de altura nos quais eram instalados três faroletes móveis, denominados reguladores. Operados por pessoal especialmente treinado, os faroletes podiam ser combinados para formar 196 sinais diferentes e, em boas condições de visibilidade, podiam enviar mensagens extensas em curto espaço de tempo. Para se ter uma idéia da eficiência do sistema, uma mensagem podia ser transmitida de Paris a Lille (193 Km) em apenas nove minutos. Da capital francesa até Veneza, a mensagem podia chegar em seis horas, tempo extraordinário para os padrões da época.

O sistema telegráfico Chappe era o favorito de Napoleão, que conduzia uma versão portátil do mastro junto com seu quartel-general, o qual lhe permitia ligar-se com suas forças e sua logística bem mais rápido que seus adversários.

#### 9) Serviço de Saúde

O Serviço de Saúde francês raramente via o combate de perto, no entanto, aos seus integrantes cabia a

atribuição de lidar com o horror produzido pelas batalhas, na forma de ferimentos e mutilações. Cada Corpo, Divisão ou Regimento possuía seu próprio Serviço de Saúde, composto por padioleiros, atendentes, enfermeiros, farmacêuticos, cirurgiões e médicos. As equipes de saúde eram, muitas vezes, constituídas por homens mal treinados e considerados incapazes para realizar outra tarefa no exército.

Como em todos os exércitos da época, as condições sanitárias do Grande Exército podiam ser consideradas, na melhor das avaliações, como primitivas; morrendo mais soldados por doença ou em consequência de ferimentos, do que na batalha propriamente dita. Não havia o conhecimento de higiene nem dos antibióticos e, de uma maneira geral, o único procedimento cirúrgico praticado era a amputação, em cirurgias onde a anestesia consistia em embebedar o ferido ou nocautear-lo com um golpe na cabeça. Como resultado, somente um terço dos feridos conseguia sobreviver a tais procedimentos.





O Grande Exército procurou minimizar estas deficiências com a organização do Serviço de Saúde e a criação do sistema de evacuação denominado Ambulância Voadora, pelo Barão Dominique Jean Larrey, Cirurgião-geral do Exército. Após verificar a rapidez com que a artilharia se deslocava, entrava e saía de posição no campo de batalha, o General Larrey adaptou o sistema para transportar os feridos com mais rapidez e mobiliou as ambulâncias com condutores e atendentes bem treinados. O sistema de Larrey foi o precursor dos modernos circuitos de ambulâncias e do hospital cirúrgico móvel, existentes na maioria dos exércitos da atualidade.

Napoleão foi testemunha do terrível sofrimento enfrentado pelos feridos e doentes em combate, particularmente os mutilados, e providenciou para que lhes fosse dado o melhor tratamento médico possível nos hospitais da França. Além disso, os feridos sobreviventes, ao retornarem, eram tratados como heróis, recebiam condecorações, pensões e, se necessário, próteses para os mutilados. Esse tratamento ia

além da honra aos ex-combatentes, mas servia também para manter elevado o moral do Grande Exército e, conseqüentemente, seu poder de combate.

## **REFLEXÕES FINAIS – O LEGADO DO GRANDE EXÉRCITO**

Com a derrota da esquadra francesa em Trafalgar, em 1805, na qual o viu seu poder naval derrotado, e com a informação de que o exército russo marchava para unir-se ao austríaco, Napoleão decidiu voltar sua atenção para o leste, dando início à Campanha contra a Áustria e a Rússia.

Inicialmente, o Grande Exército era composto por seis Corpos, comandados por marechais e generais mais antigos. Ao descobrir que os austríacos e russos realizavam os preparativos para invadir a França, no final de 1805, Napoleão ordenou ao Grande Exército que transpusesse rapidamente o rio Reno e cruzasse a Europa em direção ao sul da



Alemanha, onde obteve as vitórias de Ulm e Austerlitz.

Conforme Napoleão foi avançando através da Europa, seu exército foi aumentando de tamanho, chegando a atingir o efetivo de 600 mil homens no início da invasão da Rússia, em 1812, durante a guerra contra a Sexta Coalizão. Englobando tropas de diversos países aliados, os Corpos pertencentes ao Grande Exército eram comandados por generais franceses, com exceção dos corpos polonês e austríaco que possuíam comandos próprios. O exército multinacional avançou lentamente em direção à Rússia, enquanto o exército russo se retirava antecipadamente, negando-lhe o combate.

Após a captura de Smolensk e a vitória na Batalha de Borodino, Napoleão entrou em Moscou com seu exército em 14 de setembro de 1812, contudo, o poder de combate do Grande Exército encontrava-se drasticamente reduzido, em razão das baixas em combate, das doenças (principalmente o tifo) e do próprio desgaste da longa marcha. O exér-

cito francês permaneceu em Moscou por um mês, após o que foi obrigado a se retirar novamente para oeste. Assolado pelo rigoroso inverno russo e constantemente atacado por cossacos e tropas irregulares, o Grande Exército praticamente deixou de existir como força de combate durante a retirada. Aproximadamente 400 mil soldados perderam a vida na Campanha da Rússia e apenas uma pequena parcela das tropas chegou em condições de combater.

Embora tenha operado por apenas sete anos e terminado derrotado pela Rússia, o Grande Exército de Napoleão inovou a arte da guerra com a criação do Corpo-de-Exército. Essa nova e flexível grande unidade permitiu a realização de diferentes tipos de manobra envolvendo grandes efetivos de forma coordenada e com eficiência. O emprego da cavalaria como reserva também foi consagrado, chegando este conceito aos dias atuais, com tropas blindadas e mecanizadas exercendo esse papel.

A grande inovação do exército de Napoleão foi sua transformação



de francês, inicialmente, em multinacional, à medida que foi incorporando unidades estrangeiras, algumas das quais se destacaram sobremaneira em combate, como os poloneses. Napoleão organizaria um novo exército que combateu em Leipzig, em 1813, participou da defesa da França, em 1814, e foi vencido em Waterloo, no ano seguinte. Embora numeroso e relativamente bem equipado, este novo exército, contudo, jamais chegou à sombra do que fora o Grande Exército de 1805-1812.

## BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Pedro Cordolino. *História Militar*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1998.

CHANDLER, David. *Dictionary of the Napoleonic Wars*. London: 1979

DEMPSEY, Guy C. *Napoleon's mercenaries: foreign units in the French Army under Consulate and Empire, 1799 to 1814*. London: Greenhill Books, 2002.

KEEGAN, John. *A Face da Batalha*. Rio de Janeiro: Bibliex, 2000.

KNÖTEL, Richard. *Uniformenkunde*. Berlim: 1890.

MELLO, Nilson V. de. *A arte da guerra no Período Napoleônico: aspectos militares de sua obra*. Rio de Janeiro: IGHMB, 2008.

PAWLEY, Ronald; COURCELLE, Patrice. *Napoleon's Guards of Honour*. Oxford: Osprey Publishing, 2002.

POPE, Stephen. *The Cassel Dictionary of the Napoleonic Wars*. London: Cassel, 1999.

RUAS SANTOS, Francisco. *Arte da Guerra*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1998.



---

<sup>1</sup> PAWLEY, Ronald; COURCELLE, Patrice. *Napoleon's Guards of Honour*. Oxford: Osprey Publishing, 2002. p.3.

<sup>2</sup> O serviço militar obrigatório foi estabelecido pela *Lei da Consciência*, também conhecida como *Lei Jourdan*.

<sup>3</sup> MELLO, Nilson V. de. *A arte da guerra no Período Napoleônico: aspectos militares de sua obra*. Rio de Janeiro: IGHMB, 2008.

<sup>4</sup> RUAS SANTOS, Francisco. *Arte da Guerra*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1998. p.200.

<sup>5</sup> Mais tarde Berthier seria o primeiro Marechal do Império francês.

<sup>6</sup> MELLO, op.cit.

<sup>7</sup> RUAS SANTOS, op.cit., p.200.

<sup>8</sup> O estandarte do 1º Regimento de Artilharia de Fuzileiros Navais francês sobrevive até os dias atuais, e ostenta Lutzen 1813 em suas honras de batalha.